



# ELQ



PORTE  
PAGO

ANO V  
MAIO  
1979  
N.º 72  
MENSAL  
PREÇO 10\$00

**ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS**

Propriedade, Administração e Redacção  
Associação dos Deficientes das Forças Armadas  
Palácio da Independência — L. S. Domingos — 1194 Lisboa Codex

Director  
**JOÃO MATIAS DE VASCONCELOS**

Composto e impresso nas oficinas  
Empresa Pública dos Jornais Século e Popular (EPSP)  
Rua Luz Soriano, 67 — LISBOA

## TRANSFERÊNCIA DA SEDE DA ADFA

**POR DETERMINAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
O PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA VAI SER ENTREGUE À COMUNIDADE  
DE PORTUGUESES NO BRASIL E A ADFA DEVE SER TRANSFERIDA  
PARA OUTRAS INSTALAÇÕES**

## ASSEMBLEIA GERAL DE 19 DE MAIO DEFINIU POSIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO

Foi no dia 19 de Abril que a Associação soube desta notícia, quando a Direcção Central foi chamada ao Ministério da Defesa Nacional pelo chefe de Gabinete do Ministro. A Associação teria que abandonar o Palácio da Inde-

pendência até ao dia 10 de Junho, dia em que seria entregue à Comunidade Portuguesa no Brasil, na pessoa do capitão Sarmiento Pimentel, para aí instalar, segundo foi dito, um Museu.

Várias foram as diligên-

cias que a Direcção Central efectuou, junto de várias entidades, nomeadamente Ministro da Defesa Nacional e Conselheiros da Revolução, no sentido de se encontrar a melhor forma de resolver este melindroso problema que assim

de chofre era apresentado.

A ADFA encontra-se instalada no Palácio da Independência desde o dia 16 de Maio de 1974, altura em que lhe foram cedidas duas salas, que eram utilizadas para reuniões de sócios e

(Continua na 7.ª pág.)

## MENSAGEM DA DIRECÇÃO CENTRAL NA FESTA DO 5.º ANIVERSÁRIO DA ADFA

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas saúda todos os presentes que connosco quiseram confraternizar nesta festa do nosso 5.º aniversário. Saudamos especialmente os artistas que hoje aqui estão a colaborar connosco num gesto de amizade e solidariedade. Saudamos muito calorosamente os representantes das Associações de deficientes aqui presentes empenhados na luta comum.

Completamos hoje 5 anos de trabalho e luta árduos, difíceis e nem sempre bem compreendidos. Dos obstáculos que naturalmente se levantaram à nossa acção, alguns já foram removidos, mas muitos outros existem ainda, os mesmos, aliás, que se levantam na luta quotidiana de quantos estão empenhados em construir a sociedade a que o 25 de Abril de 1974 abriu as portas.

Cinco anos de trabalho ininterrupto, de acção diária, de luta persistente, fizeram da ADFA uma fortaleza que hoje já não é fácil derrubar, apesar de todas as ameaças que sobre ela recaem.

Sabemos que há quem não nos perdoe — e na melhor das oportunidades fará concretizar a sua vingança — por termos promovido a viragem definitiva do pensamento nacional acerca dos deficientes, da sua situação, da sua integração social e do seu próprio papel neste processo. Hoje já não é possível utilizar os deficientes como sustentáculo de sistemas sociais errados, através da caridadezinha como instituição nacional, por exemplo. Para além da acção organizada da ADFA está em curso um imparável movimento de todos os deficientes portugueses que constituirá um factor importante no processo de transformação da sociedade injusta em que ainda estamos a viver numa sociedade mais justa apontada na constituição da República.

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas nunca perdoará certos sectores pelo que tem representado a sua própria existência e posição relativamente ao processo de pôr definitivamente termo à era colonial, afirmando-se, através dos seus sócios — os que mais sofreram com a guerra — a favor da descolonização e da paz e denunciando, com a grande força moral que lhe assiste, a guerra colonial como uma guerra injusta a que foram levados criminosamente os jovens portugueses para aí perderem a vida ou ficarem deficientes.

E por tudo isto a ADFA viu sempre dificultada a sua acção, não só por quem naturalmente se constituiu em seu inimigo, mas, inclusivamente, por quem teria obrigação de a apoiar. E hoje, mais do que nunca, nota-se uma forte vontade em neutralizar a nossa acção, porque é incómoda, porque a ADFA é um sério entrave no caminho de quem visa restabelecer a ordem do 24 de Abril de 1974.

Mas a determinação dos deficientes das Forças Armadas e o apoio sentido de quantos estão empenhados na luta comum pela concretização dos ideais do 25 de Abril constituirão garantia suficiente para fazer recuar os que atentam contra a liberdade e o esforço colectivo que estão abrindo no nosso País os caminhos para um futuro melhor.

Terminados 5 anos de trabalho, vamos continuar, animados de uma determinação cada vez maior, procurando na sociedade que havemos de construir o lugar a que os deficientes têm direito, com a consciência de que esse lugar só existe na sociedade que a Constituição da República define, como emanação dos ideais de Abril e vontade do povo Português.



**ASSEMBLEIA GERAL  
NACIONAL EXTRAORDINÁRIA**

**DIA 9 DE JUNHO  
(Convocatória na última página)**

**ELEIÇÕES PARA  
TODOS OS ÓRGÃOS SOCIAIS**

**DIA 23 DE JUNHO  
(página 2)**

# FINALMENTE ELEIÇÕES PARA TODOS OS ORGÃOS SOCIAIS DA ADFA

## DEPOIS DE ADIADO, O ACTO ELEITORAL TERÁ LUGAR NO DIA 23 DE JUNHO

Vão finalmente realizar-se as eleições na ADFA. Marcadas inicialmente para o dia 5 de Maio, depois de o processo estar em curso, tendo sido inclusivamente publicadas no «Elo» as listas e respectivos programas para os órgãos sociais centrais, a Mesa da Assembleia Geral Nacional, através de circular enviada por carta aos sócios, desconvocou as eleições, dado que não tinham sido apresentadas listas por parte de algumas delegações, o que não coincidia com o estabelecido no Regulamento Eleitoral em vigor.

Esta dúvida sobre o Regulamento Eleitoral foi já esclarecida na última Assembleia Geral Nacional que se realizou no dia 19 de Maio em Lisboa. Assim, a Assembleia deliberou acrescentar ao art.º 2.º um n.º 4 com a seguinte redacção: «No caso do impedimento no estabelecido nas alíneas do n.º 1 do art.º 2.º, caberá aos órgãos definidos no art.º 4.º proceder ao devido acto eleitoral sem impedimento do acto eleitoral nacional.»

Assim, de acordo com o art.º 10.º do Regulamento Eleitoral, as listas concorrentes terão de

ser entregues aos órgãos estabelecidos no art.º 4.º até às 19 horas do dia 4 de Junho de 1979.

Os proponentes das listas entregues antes da suspensão do acto eleitoral devem comunicar à Mesa da Assembleia Geral Nacional, por escrito, até ao dia 4 de Junho, se mantêm as suas listas ou se preferem entregar novas listas.

É o seguinte o teor da deliberação da Mesa da Assembleia Geral Nacional em reunião de 22 de Maio:

1 — Marcar as eleições de acordo com os n.ºs 1 e 2 do Art.º 2.º do Regulamento Eleitoral em vi-

gor para o próximo dia 23 de Junho de 1979 das 15 horas às 21 horas.

2 — De acordo com o Art.º 10.º do mesmo Regulamento as listas concorrentes terão de ser entregues aos órgãos estabelecidos no Art.º 4.º até às 19 horas do dia 4 de Junho de 1979.

3 — a) Perguntar aos proponentes das listas entregues antes da suspensão do acto eleitoral se mantêm as suas listas ou se preferem entregar novas listas;

b) Em qualquer dos casos a resposta deve ser dada por escrito à Mesa respectiva até ao dia 4 de Junho de 1979.

É que, para além do âmbito do problema (como atrás se referiu, toca a todos) que seria um factor positivo, para arranque da prevenção de acidentes, ele é muito complexo e as suas implicações nem sempre são consideradas; umas vezes por colidirem com interesses antagónicos e outras por dificuldade de definição das fronteiras dos campos de actuação e outras ainda, pela oportunidade de desencadeamento das acções.

Está neste último caso a incongruência da criação de um Serviço Nacional de Estatística de Acidentes e Doenças Profissionais e a actualização da legislação sobre a matéria, como se esta não tivesse que ser resultante daquele.

Duvidamos muito, mesmo, da necessidade desse tal Serviço Nacional de Estatística de Acidentes e Doenças Profissionais, já pela pouca oportunidade das nossas estatísticas e até porque se não forem exploradas, de nada servirão, pois que em lugar de um objectivo em si mesmo, elas são antes e só, um meio muito valioso, quando oportuno, mas apenas, como base de estudo científico.

Considerando muito importante, o apresentar da situação da Segurança do Trabalho, em Portugal, gostaria ter de reconhecer ter sido pessimista em criticar as soluções apontadas, pois elas conduziram, de facto, à saída da situação de Portugal ser o país da Europa com maior frequência anual de acidentes de trabalho.

Se, porém, tal não acontecer, havemos de concluir não haver quem esteja interessado na Prevenção de Acidentes de Trabalho!

MILHO FERRO  
Sócio 4908

# 1 ACIDENTE DE TRABALHO EM CADA MINUTO DE ACTIVIDADE LABORAL EM PORTUGAL

Isto lia-se, noutro dia, num periódico de Lisboa.

Isto, é muito mais!

Que segundo as estatísticas de 1976, em cada dia, morreram em Portugal, 4 trabalhadores, em consequência de acidentes de trabalho!

Que vai em meio milhão o número de sinistrados do trabalho!

Que os sectores de actividade mais atingidos são a indústria metalúrgica e a metalomecânica, no caso dos acidentes de trabalho; e as minas quanto às doenças profissionais!

E que este cortejo de números — e mais que em cada ano, de 4 trabalhadores, apenas 3 escapam sem ser vítimas de acidentes de trabalho — nos situa, com uma frequência de 23% de sinistralidade no trabalho, em 1.º lugar do quadro dos países com mais sinistrados do trabalho na Europa.

É bom usar-se estes números, para consciencializar os responsáveis.

Mas, é pena que eles sejam verdadeiros!

É pena que não se conheçam os referentes a depois de 1976, o que prova o pouco interesse que despertam.

É pena que não se faça deles o uso que merecem, pois correm risco de ser platónicos os dados estatísticos inconvenientemente explorados.

É muito interessante abordar este tema, da Segurança

no Trabalho, sobretudo porque a todos diz respeito, pois com uma frequência anual de 23% está a ver-se que, de 4 em 4 anos cada trabalhador «terá» um acidente de trabalho.

O diagnóstico está certo e será um passo, mas a «terapêutica» para sair de tal posição de «guia» dos países da Europa não vai com notícias ou artigos nos jornais!!!!

Também não vai, apenas com simpósios!

Preconizam-se medidas, mas a nossa posição de «guia» dos países da Europa continua.

Ora, se nós temos mais acidentes que os outros países, é porque será possível ter menos, se fizermos como eles.

Antes do mais, há que tomar a decisão de desejar sair dessa situação. E isso é uma opção que compete aos Poderes Instituídos.

Depois, será seguir as técnicas que na realidade existem, mas que, por terem muitas implicações e jogarem muitos interesses, terão que remover obstáculos nem sempre facilmente definíveis.

Pretende-se preconizar uma política de Segurança e Higiene no Trabalho de acordo com a realidade nacional.

Pretende-se a responsabilização dos Serviços Estatais com intervenção na matéria e das entidades patronais pelas condições de segurança

e higiene do trabalho nas respectivas empresas.

Pretende-se a actualização da legislação existente e a formação de técnicos especializados nomeadamente médicos e enfermeiros no trabalho.

Mas a responsabilização dos Serviços Estatais está consagrada no Art.º 54.º da Constituição da República e na Base XLVI da Lei 2127 de 3-8-65!

Mas as entidades patronais já são responsáveis pelas condições de segurança e higiene nos locais de trabalho e isto por força da Base XLVII da mesma Lei 2127!

Mas a legislação existente — Lei 2127 — ainda que de 1965, é das mais ambiciosas da Europa, devendo, no entanto, ser actualizada no que concerne ao acidente «in itinere».

Mas há técnicos especializados em medicina no trabalho e enfermeiros de saúde pública (Pelo Decreto 45160 de 25-7-63 foi criado no Instituto Superior de Higiene do Dr. Ricardo Jorge, o curso de Medicina no Trabalho e o Decreto 47512 de 25-1-67, institui o Regulamento dos Serviços Médicos de Trabalho das Empresas).

Então porque continuamos em 1976 e continuamos agora, supomos, «guia» dos países da Europa com maior sinistralidade no trabalho?

## HISTÓRIAS DA TI'ANICA

Vossemecês tinham-me escrito para eu ver se podia mandar uma história cá das minhas mais cedo para vir no jornal especial do 25 de Abril. Mas não tive vagar por causa dos meus afazeres.

É que nas alturas da Páscoa tenho que fazer sempre muitos folares. Não é por me gabar mas dizem que não há nas redondezas como os folares da Ti'Anica.

E eu tenho que continuar com a tradição cá da aldeia. E depois nas vésperas da Páscoa fui aí a Lisboa visitar o meu filho e a minha nora e os meus dois netinhos que me tinham convidado para eu ir passar a Páscoa com eles.

E enquanto o meu filho e a minha nora estavam nos empregos deles os meus netinhos foram mostrar-me muitas coisas bonitas que há aí em Lisboa.

E no domingo fomos todos almoçar fora lá para os lados de Sintra e demos uma volta pelos arredores de Lisboa. Também gostei muito. E depois na segunda-feira de Pascoela — voltei para cá para o Algarve. E no comboio vim a magiciar cá numas coisas. E é destas coisas que eu queria contar a vossemecês. É que vi muita gente a pedir. E alguns eram deficientes. E as pessoas passavam quase sempre à pressa. Algumas davam-lhes esmola e a maior parte parecia que nem os via. Mesmo quando às vezes até encaihavam neles. Até parecia que só se preocupavam com a falta de tempo. E eu até gostava de saber o que é que aqueles que estavam a pedir sentiam lá dentro deles. Alguns se calhar até sentiam vergonha de ter de estar de mão estendida para ganharem o pão de cada dia. Outros pareciam tão à vontade. Ou já estavam habituados e já não sentiam vergonha. Ou... Deus me perdoe se digo isto com má intenção. Mas é o que me pareceu. Ou quase faziam daquilo uma profissão. E eu não sabia se havia de dar esmola ou não. E umas vezes dava e outras não dava. E se calhar alguns até ganhavam mais assim do que eu que trabalho que nem uma moira. Mas mesmo para aqueles que precisam de pedir para comerem não sei se a esmola irá resolver alguma coisa. Tenho pensado muito nestas coisas e ainda não cheguei a conclusão nenhuma, vou despedir-me que tenho que ir acabar uns bolos de tacho que deixei a meio. Até para o mês que vem e saudades a vossemecês todos. Adeus.

ANICA

## DEFICIENTES DESEMPREGADOS PODEM GARANTIR TRABALHO NA SUA PRÓPRIA CASA

A Associação acabou garantindo a matéria-prima e venda dos produtos acabados.

Os sócios interessados podem garantir empregos para sócios da ADFA nas suas próprias casas.

Os deficientes interessados terão que frequentar um curso próprio adquirindo uma máquina com facilidade de crédito através do Fundo de Fomento da Mão-de-Obra.

O trabalho será orientado por essa organização

devem contactar a secção de Reabilitação Profissional da sede da Associação em Lisboa, que facultará todos os esclarecimentos bem como apoio àqueles que estejam interessados neste tipo de trabalho.

Esclarece-se, desde já, que estas máquinas podem ser adaptadas a vários tipos de deficiências.

LÊ

ASSINA

DIVULGA

## CONSELHO NACIONAL DE REABILITAÇÃO

Reuniu, pela 2.ª vez, no passado dia 26 de Abril o Conselho Nacional de Reabilitação.

Na primeira reunião, que se realizou no dia 15 de Março, não se esgotou a ordem de trabalhos, tendo esta reunião continuado, em segunda sessão no dia 26 de Abril, em que se aprovou o relatório de actividades do S. N. R. relativo ao ano de 1978. Na reunião de 26 de Abril do Conselho Nacional de Reabilitação foi aprovado o Regulamento Interno do Conselho e nomeado um Grupo de Trabalho sobre «actividades pré-profissionais» e «aprendizagem para crianças e jovens deficientes».

## REUNIUNO PELA 2.ª VEZ EM 26 DE ABRIL

Com a constituição do Conselho Nacional de Reabilitação e com a realização de reuniões regulares deste importante órgão entra-se assim numa fase determinante na efectiva criação de condições para a reabilitação e integração social dos muitos milhares de deficientes portugueses.

A próxima reunião do Conselho Nacional de Reabilitação realiza-se no dia 30 de Maio, tendo como único ponto da ordem de trabalhos a discussão e aprovação do Plano de Actividades do S. N. R. para o ano de 1979.

# PÁGINA CULTURAL

A POESIA É A ARTE-VIVA. A SUA ASSIMILAÇÃO, ALÉM DE INSTRUTIVO, PROVOCA-NOS REACÇÕES FACILMENTE COMPREENSÍVEIS QUANDO LIDA OU ESCUTADA ATENTAMENTE, COM O ESPÍRITO ABERTO À CRÍTICA, À OBJECTIVIDADE E PROFUNDIDADE QUE A POESIA ADQUIRE, VARIA COM O POETA. A POESIA, COMO QUALQUER OUTRA FORMA DE ARTE, TEM DUAS OPÇÕES: — OU ESTA A FAVOR DO POVO, DO POVO TRABALHADOR E EXPLORADO; OU ESTA CONTRA ESTE A FAVOR DOS EXPLORADORES. PODEMOS AINDA CONSIDERAR A POESIA QUE NÃO DEFENDE NEM ATACA NENHUMA CLASSE, ISTO É, A POESIA ROMÂNTICA OU NÃO INTERVENCIONISTA.

HOJE A LITERATURA DEIXOU DE PODER SER INOCENTE. ELA TEM QUE SER OBJECTIVA E POR-SE AO SERVIÇO DA EMANCIPAÇÃO POPULAR, PARA MELHOR COMPREENSÃO DA ARTE POÉTICA E A SUA FUNÇÃO, CITAMOS MAIAKOVSKI QUE NOS AFIRMA:

PRIMEIRO / É PRECISO / TRANSFORMAR A VIDA / PARA CANTA-LA / EM SEGUIDA.

É ESTA «TRANSFORMAÇÃO DA VIDA», DA MANEIRA DE PENSAR E AGIR QUE NÓS PRETENDEMOS LEVAR A TODOS COM A DIVULGAÇÃO DE POETAS, CONSAGRADOS OU NÃO, ATRAVÉS DESTA RUBRICA DO NOSSO «ELO».

CABE-NOS DIZER QUE É NOSSA INTENÇÃO, DIVULGARMOS SEMPRE, PELO MENOS, UM POETA NACIONAL NESTA RUBRICA.

## BALADA DE UMA HEROÍNA QUE EU INVENTEI

Vais morrer com a saia rota,  
Sem flores nos cabelos...  
— Mas isso que importa  
Se, depois de morta,  
Até as mãos da terra  
Hão-de florescê-los?

Vais morrer de blusa no fio,  
Sem laços nas tranças...  
— Mas isso que importa  
Se, depois de morta,  
Até as mãos do Frio  
Penteiam as crianças?

Vais morrer, espantada, na rua,  
Sem fitas nos caracóis...  
— Mas isso que importa  
Se, depois de morta,  
Até as mãos da lua  
Enfeitam os heróis?

Vais morrer, a cantar, numa esquina,  
De sapatos velhos...  
— Mas isso que importa  
Se, depois de morta,  
Continuarás a ser menina  
Que nunca teve espelhos?

Vais morrer, com olhos de água presa  
E meias de algodão...  
— Mas isso que importa  
Se, depois de morta,  
A tua beleza  
Não caberá num caixão?  
E há-de rasgar a terra  
E romper o chão  
Como uma Primavera  
De lágrimas acesa  
Que os homens atiram, em vão,  
Para a natureza?!

JOSÉ GOMES FERREIRA

## REGA

Longa, lenta, melancólica,  
Cantou a velha canção  
A nora triste da horta.  
E uns brandos ares de bucólica  
— Oh, lírica solidão! —  
Bateram à minha porta.

Terra sedenta que espera,  
Ansiosa todo o dia,  
Estes momentos da tarde,  
Agora se desaltera:  
— Que a esta hora tardia  
O beijo do sol não arde.

Toda se dá em perfumes  
Que lembram, a quem os sente,  
Vagos, sensuais desatinos.  
Andam, no ar, vagalumes.  
E a terra, molhada e ardente,  
Tem desejos femininos...

Depois a nora calou-se.  
Ficaram-se murmurando,  
Nos regos, já invisíveis,  
— Murmúrio leve e tão doce!... —  
Águas que vão retratando  
Finas estrelas insensíveis.

FRANCISCO BUGALHO

## ODE

Nuvens tocadas pelo vento, ide!  
Lá para além de vós, o céu não passa  
Contra as rochas erguidas e paradas,  
Desfazei-vos na vossa eterna lide,  
Ondas! flocos de espumas encrespadas...

Que a praia, não há onda que a desfaça.

Desfolhai-vos nas asas do tufão,  
Rosas inda em botão esta manhã,  
Folhas aos velhos troncos arrancadas!  
Cinzas levais, sozinha!, em vossa mão,  
tempestades futuras e passadas!

Sobre a semente, a vossa fúria é vã.

Decorrei, dias meus já sem sentido  
Senão o de ficar, que não é vosso.  
Dissolvei-vos no ar, mãos revoltadas!  
Gestos, formas, visões, sons, pó erguido,  
Voltai ao pó das tumbas ignoradas!...

Que não se apaga a luz de além do poço.

Sou, como as nuvens sou que nada são,  
E as ondas frágeis como vãs quimeras,  
E as pétalas e as folhas desfolhadas,  
E as formas fogo fátuos da ilusão...  
Correi, lágrimas fúteis enganadas!

Mas tu canta, minh'alma!, enquanto  
[esperas.

JOSÉ RÉGIO

## POEMA DO MAR E DA SERRA

Ó mar de que não sei nada  
Nem vejo que desvendar,  
És só a mais larga estrada  
Para ir e voltar!

Eu sou lá dos montes  
Que medem o céu,  
Sou das frias serras onde primeiro o Sol  
[nasceu  
E onde os rios ainda são apenas fontes.

Sou de onde as árvores falam  
A língua que eu conheço,  
Onde de mim sei tudo  
E do resto me esqueço.

Lá tenho olhar de estrelas a luzir  
E tenho voz de guardador de rebanhos,  
Passos de quem só desce p'ra subir,  
Mãos sem perdas nem ganhos.

Contigo falo, ó mar,  
Se a Lua vem do céu passear no mundo,  
Tornando-te a planície do luar  
Sem ecos nem mistérios de profundo.

Mas sou lá da terra e a terra é minha,  
Só lá eu sou do céu e o céu é para mim.  
Ó serra onde há tal serenidade  
Que nada tem começo  
Nem fim.

BRANQUINHO DA FONSECA

# 5.º ANIVERSÁRIO

- Sessão do CPPC
- Dádiva de sangue
- Movimentação desportiva
- Convívio Infantil
- Almoço de confraternização
- Espectáculo no Coliseu

A nossa Associação festejou mais um aniversário. Mais uma vez se demonstrou que somos uma grande Associação e que temos muitos amigos que nesta hora de comemorações marcaram a sua presença pelas mais variadas formas.

Mas analisemos cada aspecto individualmente.

## SESSÃO DO CPPC

O dia 8 de Maio de 1945 foi para todos os povos da Europa um dia de alívio e

ções importantes destruídas?

- E todos os outros problemas que a guerra traz e provoca

A ADFA, como FORÇA JUSTA DAS VITIMAS DE UMA GUERRA INJUSTA, e naturalmente integrada em todos os movimentos que lutem pela paz, promoveu no passado dia 8 uma sessão no Salão Nobre da Sede com a participação do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC).

Na mesa estava o general Costa Gomes, o dr. Silas Cerqueira, o dr. Gualter Basílio (deputado do P. S.) e o prof. Pinto Correia, além do resistente tarrafilista Miguel Russel (dirigente da URAP) e o Vasconcelos, membro da Di-

e progressistas para sustentar o avanço das forças inimigas das liberdades, da democracia, do 25 de Abril e da Constituição.

O dr. Silas Cerqueira, para além dos acordos internacionais que de algum modo têm permitido a paz, principalmente na Europa, frisou a positividade do SALT II e principalmente a situação das guerras de libertação na África Austral, bem como o esforço enorme dos países africanos de língua portuguesa para sustentar as agressões constantes dos racistas da Rodésia e da África do Sul.

Valeu a pena. Compete à ADFA mais que a ninguém denunciar a guerra e a violência como uma solução a ser varrida das

ves do trabalho, da liberdade e da justiça social para todos.

E hoje (e cada dia mais), os homens já preocupados com tantos problemas do dia-a-dia do cidadão comum têm de pensar em mais um, que é muito grave. Por causa da corrida aos armamentos, pouco controlada (apesar de constantes apelos provenientes principalmente dos países do bloco socialista), há neste momento armazenado material altamente destruidor de tipo termonuclear que se for utilizado acaba com a sobrevivência humana em poucos minutos ou horas.

É uma verdade amarga que por vezes suavizamos quando ouvimos os dirigentes das grandes potências falar de paz ou de acordos que possam mais facilmente torná-la possível. Mas as armas e bombas com esse poder destrutivo imenso existem e se não formos todos a condená-las energeticamente a todo o momento elas podem ser utilizadas.

## MOVIMENTAÇÃO DESPORTIVA

A ADFA, como é do conhecimento geral, vem desde há muito tentando concretizar a ideia do desporto como uma das vias para atingir a reabilitação e integração plenas. Assim, nas Comemorações do 5.º Aniversário da nossa Associação houve lugar à prática desportiva com grande intensidade.

— Em XADREZ efectuou-se a primeira simultânea a nível nacional para todos os deficientes.

A participação dos sócios da ADFA e de outras associações não foi muito grande e o vice-campeão nacional da modalidade

— O Futebol de Salão movimentou seis equipas representativas de delegações da ADFA. É a modalidade com mais expansão, embora não seja das mais características como desporto para deficientes.

Os nossos camaradas da delegação de Viseu, desta vez, levaram a melhor taça. A seguir classificaram-se a sede e a delegação do Porto. Houve taças para todas as equipas (oferecidas por entidades ou empresas diversas) e algumas eram muito valiosas.

As outras equipas concorrentes eram as das delegações de Évora, Coimbra e Castelo Branco. Os jogos realizaram-se no pavilhão da A. A. Amadora que o cedeu graciosamente.

— O Ténis de Mesa foi igualmente muito concorrido. Os jogos, por vários motivos, realizaram-se no Alcoitão. O despique foi animadíssimo. Efectuou-se por eliminatórias com trinta concorrentes à partida.

Ganhou um deficiente do Centro da Venda Nova, um dos muitos deficientes civis das diversas associações que corresponderam ao nosso convite.

Ficou em todos, no final, a certeza de que iniciativas deste tipo devem ser incentivadas.

— A Natação efectuou-se na piscina do Estádio Nacional.

Esperava-se melhor resposta dos nossos sócios e dos camaradas de outras associações.

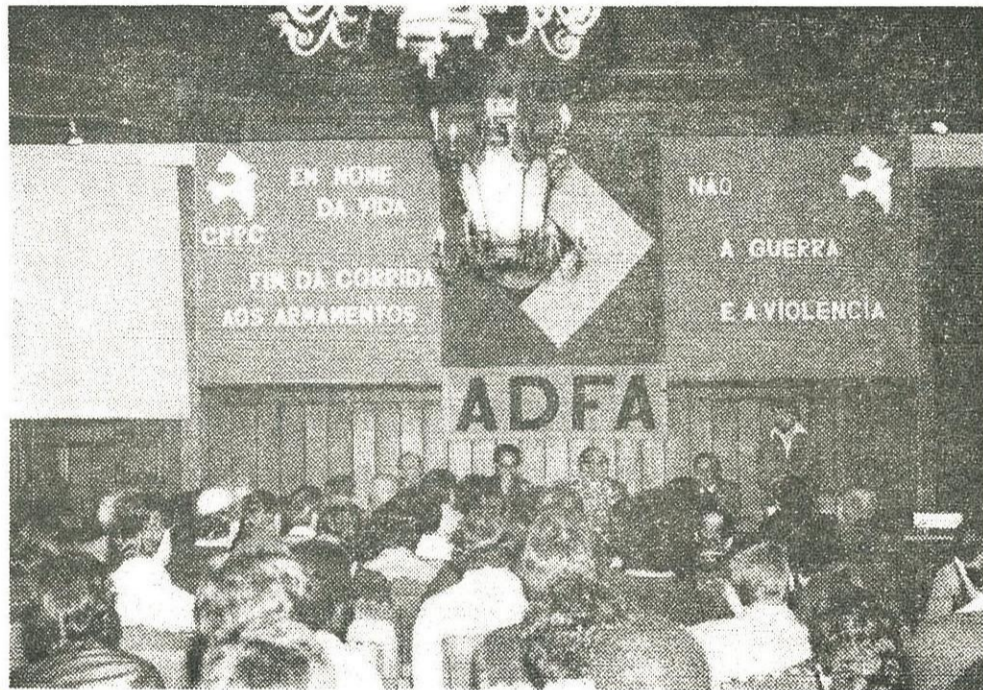
Os concorrentes não ultrapassaram a dezena.

Esta modalidade, segundo parecer dos técnicos, é das mais recomendadas para a maioria dos deficientes. Ficamos, pois, à espera que todos analisem com mais vontade esta possibilidade. A água é aquecida, a piscina é coberta, o técnico e o monitor são da Direcção-Geral dos Desportos. Está mesmo a convidar para uma banhoca! Mesmo com o Verão à porta!

— Também o Tiro com Arco não foi muito concorrido. É uma modalidade de ar livre que a ADFA vem acarinhando e merece de todos maior participação. Desta vez foi no Estádio Nacional. Os nossos atiradores competiram sozinhos por falta de concorrentes de outras associações.

De notar que nesta e noutras modalidades as respectivas federações deram apoio principalmente na cedência de técnicos no dia das provas. Também a D. G. D. deu uma pequena ajuda.

— Finalmente, o balanço desta movimentação desportiva é positivo, não só porque em três modalidades pôs lado a lado deficientes de várias associações mas também porque



Aspecto da sessão do C.P.P.C. no salão nobre da ADFA integrada nas comemorações do 5.º Aniversário

(Foto: Farinho Lopes)

de esperança. Alívio porque cessava a Segunda Guerra Mundial e da esperança porque com a derrota do nazi-fascismo se abriram as portas a uma vida nova em que as energias dos povos podiam agora ser canalizadas para a construção da paz e da sociedade onde o homem viva como cidadão de corpo inteiro, isto é, em liberdade, o que pressupõe uma justiça nunca afastada da igualdade de direitos.

Convém lembrar, embora par nós seja sempre cruel falar de guerras, os números assustadores das vítimas deste nojo do nosso século.

- A União Soviética teve vinte milhões de mortos.
- A Polónia teve seis milhões.
- Os judeus foram eliminados em número igual aos polacos.
- Os próprios alemães morreram aos milhões.
- E os milhões de deficientes?
- E os milhares de cidades e outras povoa-

recção Central da ADFA.

Perante uma assistência que enchia o Salão pronunciaram-se a favor da Paz e do Desarmamento

relações entre os povos. Com a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Colonial alguns privilegiados beneficiaram, mas esses



Após o almoço de confraternização em Lisboa

(Foto: Farinho Lopes)

os oradores, interessadamente escutados por todos. Falou o dr. Gualter Basílio também da unidade de todos os democratas

não são de modo algum o povo que trabalha e a quem só a paz pode contribuir para criar condições para uma vida melhor atra-

não teve dificuldades para vencer todos os opositores. Apesar disso ficou nos jogadores a convicção que se deve continuar.



Flagra

teve a participação de várias zonas

## CONVÍVIO INFANTIL

Os filhos dos s ADFA também tiveram a sua hora nas Comemorações.

Na tarde do dia viram alguns pequenos infantis que o programa.

O Salão Nobre estava completamente cheio de pequenos.

A seguir aos animados houve um lanche. Depois de voltar para o salão ia começar o espectáculo de fantoches que agredido aos maiores.

A terminar, por um tarde bem houve canções. Foram com a cheia de diversão



Maria Dulce lê do Coliseu

...ntos, pouco contro-  
apesar de constan-  
belos provenientes  
alimento dos países  
co socialista), há  
momento armazen-  
aterial altamente des-  
de tipo termonu-  
que se for utilizado  
com a sobrevivên-  
imana em poucos  
ou horas.

...a verdade amarga  
r vezes suavizamos  
ouvimos os diri-  
das grandes potên-  
lar de paz ou de  
s que possam mais  
nte torná-la possí-  
as armas e bom-  
m esse poder des-  
imenso existem e  
formas todos a con-  
s energeticamente a  
momento elas po-  
r utilizadas.

## ...ENTAÇÃO DESPOR-

...FA, como é do co-  
nto geral, vem des-  
nuito tentando con-  
a ideia do despor-  
uma das vias para  
a reabilitação e  
ão plenas. Assim,  
nemorações do 5.º  
irio da nossa Asso-  
nouve lugar à prá-  
portiva com grande  
ade.

...XADREZ efectuou-  
rimeira simultânea  
nacional para todos  
cientes.

...participação dos só-  
ADFA e de outras  
ões não foi muito  
e o vice-campeão  
da modalidade



Lopes)

...dificuldades para  
dos os oposito-  
ar disso ficou nos  
a convicção que  
continuar.

vez, levaram a menor ta-  
ça. A seguir classificaram-  
se a sede e a delegação  
do Porto. Houve taças para  
todas as equipas (ofereci-  
das por entidades ou em-  
presas diversas) e algu-  
mas eram muito valiosas.

As outras equipas con-  
correntes eram as das de-  
legações de Évora, Coim-  
bra e Castelo Branco. Os  
jogos realizaram-se no pa-  
vilhão da A. A. Amadora  
que o cedeu graciosamente.

— O Ténis de Mesa foi  
igualmente muito concor-  
rido. Os jogos, por vários  
motivos, realizaram-se no  
Alcoitão. O despique foi  
animadíssimo. Efectuou-se  
por eliminatórias com trin-  
ta concorrentes à partida.

Ganhou um deficiente do  
Centro da Venda Nova, um  
dos muitos deficientes civ-  
is das diversas associa-  
ções que corresponderam  
ao nosso convite.

Ficou em todos, no final,  
a certeza de que iniciati-  
vas deste tipo devem ser  
incentivadas.

— A Natação efectuou-  
se na piscina do Estádio  
Nacional.

Esperava-se melhor res-  
posta dos nossos sócios e  
dos camaradas de outras  
associações.

Os concorrentes não ul-  
trapassaram a dezena.

Esta modalidade, segun-  
do parecer dos técnicos,  
é das mais recomendadas  
para a maioria dos defi-  
cientes. Ficamos, pois, à  
espera que todos analisem  
com mais vontade esta  
possibilidade. A água é  
aquecida, a piscina é co-  
berta, o técnico e o moni-  
tor são da Direcção-Geral  
dos Desportos. Está mes-  
mo a convidar para uma  
banhoca! Mesmo com o  
Verão à porta!

— Também o Tiro com  
Arco não foi muito concor-  
rido. É uma modalidade de  
ar livre que a ADFA vem  
acarinhando e merece de  
todos maior participação.  
Desta vez foi no Estádio  
Nacional. Os nossos atira-  
dores competiram sozinhos  
por falta de concorrentes  
de outras associações.

De notar que nesta e  
noutras modalidades as  
respectivas federações de-  
ram apoio principalmente  
na cedência de técnicos  
no dia das provas. Tam-  
bém a D. G. D. deu uma  
pequena ajuda.

— Finalmente, o balanço  
desta movimentação des-  
portiva é positivo, não só  
porque em três modalida-  
des pôs lado a lado defi-  
cientes de várias associa-  
ções mas também porque



Flagrante do 5.º Aniversário da ADFA em Lisboa (Coliseu)  
(Foto: Farinho Lopes)

teve a participação de atle-  
tas de várias zonas do País.

## CONVÍVIO INFANTIL

Os filhos dos sócios da  
ADFA também tiveram a  
sua hora nas Comemora-  
ções.

Na tarde do dia 12 eles  
viram alguns pequenos fil-  
mes infantis que abriram  
o programa.

O Salão Nobre da sede  
estava completamente re-  
pleto de pequenada.

A seguir aos desenhos  
animados houve um pe-  
queno lanche. Depois foi  
voltar para o salão porque  
ia começar o teatro de  
fantoques que agradou so-  
bretudo aos mais pequen-  
inos.

A terminar, para acabar  
um tarde bem passada,  
houve canções. Enfim, fo-  
ram com a barriguinha s-  
grata da casa», tudo a  
proporcionar um momento

É uma feliz iniciativa da  
nossa associação para de  
algum modo ajudarmos a  
construir o mundo de paz,  
amor e sobretudo justiça  
a que as crianças têm di-  
reito. E não só porque este  
é o Ano Interacional da  
Criança, já que os adultos  
têm obrigação de tudo fa-  
zer para construir para os  
pequeninos o mundo que  
não nos deram...

## ALMOÇO DE CONFRATER- NIZAÇÃO

Como já vem sendo tra-  
dicional a ADFA promoveu  
também o Almoço de Ani-  
versário no domingo, dia  
13.

Foi surpreendente a par-  
ticipação dos sócios e fa-  
miliares. Eram mais de 300  
convivas. Ambiente íntimo,  
informal, serviço com a  
grata da casa», tudo a  
proporcionar um momento

alto de unidade, compa-  
nheirismo e determinação  
de estarmos juntos nas  
horas grandes e decisivas  
da nossa Associação. Re-  
feição sóbria, quase frugal,  
mas nem por isso menos  
apetitosa ou bem confec-  
cionada em tudo própria  
dos sócios da ADFA, filhos  
do Povo e soldados que  
nunca souberam o que são  
os grandes privilégios.

A palavra breve mas  
concisa e oportuna de um  
elemento da Direcção Cen-  
tral foi um momento alto  
do convívio. Regista-se  
igualmente com satisfação  
a presença de Direcções  
de outras Associações de  
Deficientes que igualmen-  
te em alocações breves  
nos testemunharam a sua  
solidariedade evidenciando  
que na luta comum só a  
unidade é positiva.

A finalizar alguns amigos  
cantaram algumas canções  
em jeito de fim de festa.

A tarde já ia avançada  
e a generalidade dos pre-  
sentes saiu satisfeita.

## ESPECTÁCULO NO COLI- SEU

Um espectáculo no Coli-  
seu dos Recreios é obrigi-  
atoriamente uma coisa  
grandiosa. Não é qualquer  
organização que é capaz  
de o efectivar. Apesar dis-  
so, a ADFA, pelo segundo  
ano consecutivo, meteu  
mãos à obra. E bem.

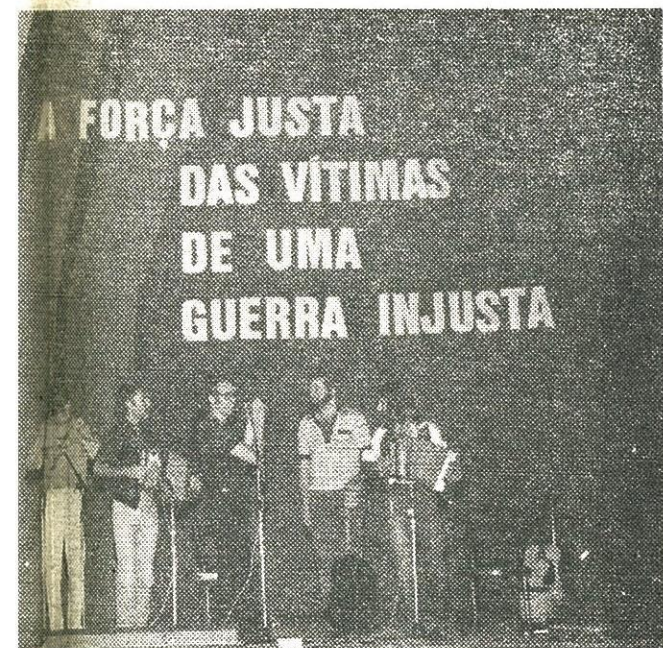
A sala leva quase cinco  
mil pessoas. Não enchemos  
ainda desta vez o Coliseu.  
Mas estava uma «casa  
boa».

Foi no dia 14, à noite.  
Era uma segunda-feira. Co-  
meçou quase às 10 horas.  
Após a leitura do docu-  
mento-saudação da ADFA,  
feita pela artista Maria Dul-  
ce, cantou o Coro da Aca-  
demia de Amadores de  
Música de Lisboa e até às  
três e meia da madrugada  
foi um desfilir constante  
de artistas que não can-  
saram os espectadores. En-  
tre estes viam-se quatro ou  
cinco Conselheiros da Re-



Maria Dulce lê perante o olhar atento da assistência  
do Coliseu de Lisboa, a mensagem da ADFA  
(Foto: Farinho Lopes)

# DA ADFA



Aniversário da ADFA em Lisboa (Coliseu)  
(Foto: Farinho Lopes)

É uma feliz iniciativa da nossa associação para de algum modo ajudarmos a construir o mundo de paz, amor e sobretudo justiça a que as crianças têm direito. E não só porque este é o Ano Internacional da Criança, já que os adultos têm obrigação de tudo fazer para construir para os pequeninos o mundo que não nos deram...

alto de unidade, companheirismo e determinação de estarmos juntos nas horas grandes e decisivas da nossa Associação. Refeição sóbria, quase frugal, mas nem por isso menos apetitosa ou bem confecionada em tudo própria dos sócios da ADFA, filhos do Povo e soldados que nunca souberam o que são os grandes privilégios.

A palavra breve mas concisa e oportuna de um elemento da Direcção Central foi um momento alto do convívio. Regista-se igualmente com satisfação a presença de Direcções de outras Associações de Deficientes que igualmente em alocuções breves nos testemunharam a sua solidariedade evidenciando que na luta comum só a unidade é positiva.

A finalizar alguns amigos cantaram algumas canções em jeito de fim de festa.

A tarde já ia avançada e a generalidade dos presentes saiu satisfeita.

## ESPECTACULO NO COLISEU

Um espectáculo no Coliseu dos Recreios é obrigatoriamente uma coisa grandiosa. Não é qualquer organização que é capaz de o efectivar. Apesar disso, a ADFA, pelo segundo ano consecutivo, meteu mãos à obra. E bem.

A sala leva quase cinco mil pessoas. Não enchemos ainda desta vez o Coliseu. Mas estava uma «casa boa».

Foi no dia 14, à noite. Era uma segunda-feira. Começou quase às 10 horas. Após a leitura do documento-saudação da ADFA, feita pela artista Maria Dulce, cantou o Coro da Academia de Amadores de Música de Lisboa e até às três e meia da madrugada foi um desfile constante de artistas que não cansaram os espectadores. Entre estes viam-se quatro ou cinco Conselheiros da Re-

volução e outras pessoas conhecidas do grande público.

Actuaram no espectáculo ainda a São Ferreira, Barata Moura, José Jorge Letria, Américo Filipe, Jaime Rodrigues, João Alter, Manuel Maia, Ary dos Santos, Júlia Babo, José Gomes dos Santos, Adriano Correia de Oliveira, José Manuel Osório, Francisco Fahnais, José Afonso, Vitorino, Vin-Vun, Trovante, Carlos Paulo, Nuno Gomes dos Santos, António Machado, Lia Gama, Enigma, Hilário e o seu Conjunto, Sá Flores, Coral Alentejano da Sociedade Filarmónica e Recreio Artístico da Amadora, Tino Costa, Io Apoloni, Teresa Paula Brito e outros.



Aspecto da assistência no Coliseu de Lisboa

(Foto: Farinho Lopes)

Além disso também a decoração da sala e sobretudo do palco estava impecável.

Ficámos plenamente convencidos que o espectá-

## VÃO SER PUBLICADAS ALTERAÇÕES AO ESTATUTO DA APOSENTAÇÃO

Serão em breve publicadas algumas (poucas) alterações ao Estatuto da Aposentação.

Conforme na altura noticiámos, a ADFA pronunciou-se já sobre um projecto de alteração do Estatuto da Aposentação que foi enviado do Ministério da Defesa Nacional, tendo apresentado uma proposta de alteração de vários artigos, essencialmente àqueles que dizem respeito aos deficientes das Forças Armadas (em serviço).

Depois de se ter perdido a pista deste processo a Associação teve agora conhecimento que as alterações vão ser publicadas, tendo o Governo solicitado autorização para tal (conjuntamente com a aprovação de outros diplomas) à Assembleia da República.

A ADFA foi contactada pelo Secretariado Nacional de Reabilitação, a fim de se pronunciar sobre essas alterações, depois do Secretário Nacional de Reabilitação ter solicitado a sua intervenção neste processo ao Secretário de Estado da Administração Pública.

Assim, o Secretariado Nacional de Reabilitação convocou a ADFA para uma reunião que se realizou no passado dia 17 de Maio a fim de ser ouvida sobre as propostas que este organismo pretendeu fazer inserir no projecto do Decreto-Lei.

São essencialmente duas as alterações propostas pelo Secretariado Nacional de Reabilitação e com as quais a ADFA concordou: a acumulação da pensão com o vencimento na íntegra para os deficientes trabalhadores da Função Pública e a possibilidade de os deficientes com 60% ou mais de incapacidade poderem ter direito à reforma ordinária mais cedo, ou seja, com 50 anos de idade ou 30 de serviço.

## MAIS DE 3 MILHÕES DE DEFICIENTES NO MUNDO EM CADA ANO

Segundo o Centro Internacional de Reabilitação e Educação Especial da Universidade do Estado de Michigan (E. U. A.) existem no mundo mais de 400 milhões de pessoas deficientes e em cada ano que passa este número cresce cerca de 3 milhões.

Estudos levados a efeito pelas Nações Unidas concluem que há no mundo cerca de 15 milhões de cegos, 69 milhões de deficientes auditivos, 40 milhões de deficientes mentais e 15 milhões de epiléticos. Conclui ainda aquela organização internacional que 5 por cento das crianças de todo o mundo são deficientes.

Entretanto, o Centro Internacional de Reabilitação e Educação Especial do Estado de Michigan conclui que, em regiões subdesenvolvidas, 100 milhões de pessoas sofrem de carências alimentares em proteínas e calorias. Em consequência disto, certas regiões de África, Médio Oriente e Ásia do Sul, apresentam um aumento no número de crianças deficientes.



Momento de Poesia no Coliseu de Lisboa com Ary dos Santos  
(Foto: Farinho Lopes)

Enfim, uma maratona que não cansou pela qualidade e variedade dos artistas apresentados. culo já ganhou raízes. Esperamos. Este ano foi bom, para o ano há-de ser ainda melhor.



No Coliseu — Lisboa — actuação dum agrupamento musical que integra um sócio da ADFA  
(Foto: Farinho Lopes)



o olhar atento da assistência  
oa, a mensagem da ADFA  
(Foto: Farinho Lopes)

# DELEGAÇÃO DE VISEU COMEMOROU 5.º ANIVERSÁRIO DA ADFA

Integrado nas comemorações do 5.º Aniversário da ADFA, cuja fase final será em Lisboa a 12, 13 e 14 de Maio, a Delegação de Viseu levou a efeito um espectáculo de variedades no Auditório da Feira de São Mateus, recheado com um elenco de conjuntos folclóricos e artistas de reconhecida craveira nacional e internacional os quais responderam ao apelo à sua participação no espectáculo movidos por um elevado sentido de solidariedade e compreensão pelos problemas dos deficientes em geral e pelos fins prosseguidos pela ADFA, em particular.

O espectáculo teve início pelas 15h30, com a leitura, pelo Vicente, de um artigo publicado no jornal «Elo» «Especial» alusivo às comemorações do 5.º aniversário do 25 de Abril, com o título — ADFA, força indestrutível de Abril — que foi bastante aplaudido pelo público presente.

Seguidamente subiu ao palco o Camarada Sá Flores que no seu estilo peculiar declamou o poema de sua autoria «A Força da Razão» que fez vibrar a sala inteira. De realçar a presença do Sá Flores e o Vicente, que acompanhados pelo Marcelino, Calvinho Ren-

deiro, Garcia e Armando, se deslocaram propositadamente de Lisboa, numa clara demonstração de solidariedade que muito contribuiu para o êxito do espectáculo. Após a presença do Sá Flores, iniciou a sua actuação o Rancho Folclórico «As Costureirinhas de Cavernães» composto por mais de 30 elementos e que muito entusiasmou a assistência durante quase uma hora, interpretando várias canções e danças regionais. De seguida subiu ao palco o Calema, deficiente não militar mas grande colaborador da ADFA e que aceitou ao convite que lhe foi formulado, declamando versos de sua autoria, bastante aplaudidos pelo público.

tência com a interpretação de canções bem conhecidas e que muitas das pessoas presente fizeram coro. Voltou ao palco o Rancho Folclórico «Flores da Beira Alta» apresentando desta vez a sua secção infantil que no final da sua actuação dançou um corridinho que fez delirar o público. Após essa actuação, voltaram a intervir o Calema e Sá Flores, desta vez juntos, declamando alguns poemas que fez vibrar toda a audiência. Antes da actuação do Rancho Folclórico de Torredeita, o Conjunto «Alhos e Bogalhos» interpretou algumas canções do agrado da assistência. De imediato o Rancho Folclórico de Torredeita deu início à sua brilhante

que acompanhado pelo citado conjunto, interpretou uma série de canções que durante mais de meia hora empolgou os espectadores e que no final o ovacionaram delirantemente.

O espectáculo terminou cerca das 2h30 e supomos que terá sido do agrado geral, ultrapassando até as perspectivas de muitas pessoas, decorrendo com o maior brilhantismo e correcção.

De salientar que os Ranchos e restantes Artistas acederam participar nas comemorações do 5.º aniversário da ADFA, gratuitamente, o que muito nos sensibilizou e todos foram unânimes em afirmar que a ADFA pode contar com eles em futuros espectáculos. No final de cada



Pormenor das comemorações do 5.º Aniversário da ADFA em Viseu

## DELEGAÇÃO DE PONTA DELGADA COMEMOROU 5.º ANIVERSÁRIO DA ADFA

A delegação da ADFA em Ponta Delgada (Açores) assinalou a passagem do 5.º aniversário da Associação com um almoço de confraternização, realizado no dia 13 de Maio, nas instalações da delegação, com a presença de 50 pessoas, entre as quais sócios, esposas e filhos.

Foi então a vez do Rancho Folclórico «Flores da Beira Alta de Santo André», de Mangualde, que iniciou a sua actuação de canto e danças através da secção de adultos, que durante cerca de 45 minutos animou a assistência. Seguiu-se a apresentação do Manuel Freire, artista consagrado no campo da canção de intervenção, que cantou e acompanhou com a guitarra durante mais de meia hora, empolgando a assis-

actuação com canto e danças regionais que deliciarão o público durante quase 45 minutos. De salientar que neste Rancho está integrado o nosso associado CELESTINO.

De seguida, após um ligeiro intervalo, entrou em cena o conjunto musical «Suplemento» iniciando a sua actuação com dois números do seu repertório, preparando assim a entrada em palco do consagrado artista Tony Albernaz,

actuação foi entregue uma medalha e um galardão da ADFA. Ao Vicente, Sá Flores, Ranchos Folclóricos «As Costureirinhas de Cavernães», «Flores da Beira Alta» e «Torredeita», Calema Alhos e Bogalhos, Manuel Freire, Suplemento e Tony Albernaz, bem como à Teresa e as amigas que colaboraram decisivamente na pintura de reprodução ampliada de alguns auto-colantes, Mário Vale pelo aluguer da aparelhagem sonora em condições especiais, a todos os que directamente ou indirectamente colaboraram e permitiram a concretização do espectáculo, realçando-se ainda a presença dos Camaradas Calvinho, Marcelino, Rendeiro, Garcia e Armando, que se deslocaram propositadamente de Lisboa para confraternizarem connosco e pela cedência da carrinha da «CODEFA» para o transporte de instrumentos musicais e apoio no decorrer do espectáculo, aqui vai o nosso reconhecimento, o nosso muito obrigado e o nosso sincero abraço.



Aspecto do almoço do 5.º Aniversário do ADFA em Ponta Delgada

A Direcção da Delegação, ALMIRO P. CORREIA

## SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE TRABALHO PARA DEFICIENTES NA POLÓNIA E NA SUÉCIA

### REPRESENTANTE DA ADFA NÃO OBTVE AUTORIZAÇÃO MILITAR PARA PARTICIPAR

Conforme noticiado, realiza-se na Polónia e na Suécia, uma semana em cada país, de 21 de Maio a 2 de Junho, um Simpósio Internacional sobre trabalho para deficientes.

A ADFA foi convidada pelo Ministério do Trabalho a nomear um elemento para integrar a representação de Portugal neste simpósio que seria de 4 elementos.

A Associação viu com grande interesse e oportunidade a sua participação neste simpósio, já que uma das tarefas em que mais está empenhada é precisamente na procura de emprego para os deficientes. Assim, indicou o nome de um elemento da Direcção Central.

Dado que esse elemento é militar do activo, necessitava da respectiva autorização militar, que foi solicitada de imediato ao Estado-Maior do Exército.

Depois de diligências várias, foi impossível obter essa autorização, tendo sido comunicado à Associação o teor do despacho de não autorização já depois do início do simpósio.

Perdeu assim a ADFA uma preciosa oportunidade de enriquecer os seus conhecimentos e de contactar com experiências de outros países no domínio da integração profissional dos deficientes.

A representação de Portugal acabou assim por ser composta apenas por três pessoas, sendo duas do Secretariado Nacional de Reabilitação e uma da Secretaria de Estado da População e Emprego.

## REUNIÕES DO SECRETARIADO NACIONAL

O Secretariado Nacional da Associação reuniu no passado dia 28 de Abril, em Coimbra e no dia 25 de Maio, no Porto.

Estas reuniões destinaram-se essencialmente à aprovação do orçamento da Associação para 1979, não tendo, contudo, sido possível fixar as verbas para todas as delegações, realizando-se a próxima reunião no dia 16 de Junho em Lisboa para fixar o orçamento das zonas de Lisboa e do Porto. Na reunião de Coimbra foi deliberado efectuar a

compra de um andar para a delegação de Coimbra, dado as instalações (militares) em que a delegação tem vindo a funcionar não terem as condições necessárias para o trabalho a desenvolver.

Ainda na reunião de Coimbra, conforme noticiado noutro local, o Secretariado Nacional analisou o problema da transferência da sede da Associação e aprovou uma proposta que foi submetida à Assembleia Geral Nacional extraordinária de 19 de Maio.

Assinar o «ELO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS», é uma forma de contribuir para a difusão e compreensão da problemática de um vasto sector desfavorecido da população, não de uma forma caritativa mas num espírito de solidariedade e calor humano comprovando que os deficientes não estão sós na luta pela integração numa sociedade que, à medida que se for tornando mais justa, menos os marginalizará.

Recorte e envie para Jornal «ELO» — Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — LISBOA

### Queiram considerar-me assinante do «ELO DOS DFA»

Nome .....  
Morada .....  
Localidade .....

**PORTUGAL**  
ANUAL ... .. 100\$00   
SEMESTRAL ... .. 50\$00   
**ESTRANGEIRO**  
ANUAL ... .. 200\$00   
SEMESTRAL ... .. 100\$00

(Marque com um X o quadrado respectivo)  
**JUNTO ENVIO CHEQUE**  
**VALE DE CORREIO**  
(Riscar o que não interessa)

# TRANSFERÊNCIA DA SEDE DA ADFA

(Continuação da 1.ª pág.)

para gabinete de trabalho da então comissão «ad-hoc». Passados poucos dias, com o acelerado crescimento da Associação, estas duas salas tornaram-se exíguas para as várias actividades que desde logo começaram por ser desenvolvidas, no sentido de dar satisfação às inúmeras necessidades e carências dos deficientes das Forças Armadas. Necessitava assim a Associação de mais espaço. E este mais espaço não era necessariamente no Palácio da Independência, como, claramente, os responsáveis da Associação então frisaram às entidades oficiais com quem iam tendo contactos.

Desde início, o que logo se lamentou profundamente, as autoridades, civis ou militares, não encararam a ADFA com a dimensão real e dignidade que ela assumiu e desenvolveu, o que se reflectiu na questão da sua sede. Isto é, os responsáveis da Associação compreendiam que não se entendia que a ADFA merecesse ter como sede o Palácio da Independência. Mas o que é certo — é de realçar — embora a Associação não defendesse intransigentemente o Palácio como única alternativa para sua sede social, as entidades competentes nunca foram capazes de encontrar uma alternativa, ou seja, a sede condigna que sempre afirmaram que a ADFA deveria ter (mas nunca o Palácio da Independência).

Mas a ADFA naturalmente ia crescendo e necessitava de espaço para se expandir. E não eram as duas salas no Palácio, cedidas inicialmente que satisfaziam as suas necessidades. Em Novembro de 1974 a Associação necessitava já de todo o Palácio. Assim, perante a inexistência de qualquer alternativa, os sócios, reunidos em Assembleia Geral no dia 23 de Novembro de 1974, deliberaram ocupar todas as salas do Palácio, pondo termo às actividades lentas e demoradas da comissão liquidatária da Mocidade Portuguesa que aí vinha funcionando. Esta Assembleia realizou-se depois de esgotadas todas as possibilidades de obter qualquer hipótese que viabilizasse a expansão em curso da Associação.

A partir desta data a ADFA tem-se mantido no Palácio da Independência onde tem desenvolvido as várias actividades necessárias para resolver os múltiplos problemas com que os deficientes das Forças Armadas continuam a debater-se — acção, aliás, que competiria aos governos que sempre se demitiram desta responsabilidade.

Era do conhecimento de todas as entidades oficiais a situação da ADFA no Palácio da Independência. Nunca a Associação se arro-

gou o direito de propriedade do Palácio. Sempre afirmou claramente que sairia do Palácio quando necessário. Mas também deixou sempre bem claro que sairia apenas para instalações condignas que reúnam os requisitos indispensáveis para o prosseguimento do trabalho que a Associação vem desenvolvendo.

Na sequência de tudo isto, os responsáveis da Associação e todos os sócios não puderam deixar de ficar surpreendidos e mesmo apreensivos perante esta notícia de chofre recebida no dia 19 de Abril: «A ADFA terá que sair do Palácio da Independência até ao dia 10 de Junho».

E sai para onde? Esta a questão que imediatamente se pôs. Para instalações condignas — foi apenas a resposta. Mas, perante espaço de tempo tão curto como encontrar essas instalações? Impossível, é de todos sabido. Foi então ditado à Direcção Central da Associação que a transferência seria feita de imediato para instalações provisórias, que, de qualquer modo, o Palácio da Independência teria que estar vago no dia 10 de Junho para ser entregue à Comunidade Portuguesa no Brasil.

Este é um momento a assinalar bem na história da ADFA. A maneira como se apresentou o seu «desalojamento» do Palácio da Independência revela claramente, só por si, sem ser necessário juntar-lhe outros acontecimentos recentes e também de grande gravidade, como é apreciado todo o trabalho que a Associação tem desenvolvido, como é reconhecido e valorizado todo o seu esforço, como poderão ser minimizados e escamoteados os resultados da sua acção...

A Direcção Central não aceitou, como não podia aceitar de forma alguma esta decisão. Declarou apenas que iria acionar os mecanismos associativos próprios para os sócios se pronunciarem sobre este problema delicado.

Assim, a Direcção Central da Associação empenhou-se simultaneamente em desencadear os mecanismos associativos para todos os responsáveis e todos os sócios chamarem a si a resolução deste problema e em desenvolver contactos com as várias entidades ligadas a esta questão a fim de se conseguir um melhor encaminhamento da questão do Palácio.

No plano associativo acionaram-se esquemas de informação aos sócios, nomeadamente através de reuniões todas as quintas-feiras às 20.30 horas na sede da Associação, que se manterão até à solução final; a Direcção Central apresentou a questão ao Secretariado Nacional que reuniu em Coimbra no dia 28

de Abril, sendo aprovado uma proposta a apresentar à Assembleia Geral Nacional; A Assembleia realizou-se no dia 19 de Maio em Lisboa, tendo aprovado a proposta do Secretariado Nacional com algumas adendas, que mais adiante se transcreve.

Através dos contactos estabelecidos com as várias entidades ligadas ao problema da transferência da ADFA, a Direcção Central conseguiu essencialmente duas coisas:

— Que o prazo inicialmente estabelecido para abandono do Palácio (até 10 de Junho) deixasse de vigorar.

— Que desde já fossem apresentadas à Associação alternativas realistas de acordo com as necessidades actuais e futura expansão e desenvolvimento.

Assim, no dia 10 de Junho a ADFA estará ainda instalada no Palácio da Independência, havendo pois tempo suficiente para se tentar encontrar as instalações condignas que satisficam as necessidades da Associação, tendo os requisitos enumerados pelo Secretariado Nacional e pela Assembleia Geral. Tem a Associação já em seu poder algumas hipóteses de alternativa realistas que constituem uma base de trabalho aceitável, havendo assim perspectivas favoráveis para se encontrar uma alternativa correcta ao Palácio da Independência.

## Deliberação da Assembleia Geral Nacional

A Assembleia Geral que se realizou no dia 19 de Maio em Lisboa, aprovou uma proposta do Secretariado Nacional, acrescentando-lhe mais alguns pontos. Além disso nomeou a comissão negociadora por parte da Associação, conforme proposta também do Secretariado Nacional, que integrará o grupo de trabalho que está a funcionar no Ministério da Defesa Nacional com representantes do Conselho da Revolução ten.-cor. Vítor Alves (delegado directo do Presidente da República e que coordena todo este processo), do Ministro da Defesa Nacional e do Chefe do Estado Maior do Exército.

Eis o teor da deliberação final da Assembleia Geral:

«1. Dar a conhecer ao Ministério da Defesa Nacional que a ADFA aceitará a saída do Palácio da Independência desde que lhe sejam facultadas outras instalações de propriedade da ADFA.

2. Que obedeçam essen-

cialmente aos seguintes requisitos:

a) Nunca poderão deixar de ser centrais, com uma localização própria para deficientes e sem barreiras arquitectónicas;

b) Deverão ter espaço suficiente que contenha, desde já, um complexo capaz de albergar todos os serviços burocráticos actuais da Associação, com capacidade para os mesmos se desenvolverem.

c) Deverão ter um complexo para oficinas, nomeadamente tipografia, electrónica, fotografia, oficina de próteses, etc.

d) Deverão ter um complexo desportivo, de convívio e tempos livres, próprios para deficientes, nomeadamente um bar-refeitório, uma sala de jogos de salão, uma piscina, um pavilhão gimnodesportivo, campo de jogos, espaço para atletismo, etc.

e) Deverão ter salas próprias para prosseguimento e desenvolvimento da Escola da Associação e para o funcionamento de cursos práticos e teóricos de reabilitação.

f) Quando e se a ADFA sair do Palácio, terão que estar concluídas e aprovadas as alterações ao Dec.-Lei 43/76.

g) Que dependendo destas negociações sejam asseguradas as sedes de Zona e delegações que não tenham a situação definida.

3. Levá-la ao Ministério da Defesa como alternativa às instalações existentes.

4. Dar a conhecer aos Ministérios da Defesa que a solução final ficará sempre dependente da ratificação por A.G.N. a convocar para o efeito em 9 de Junho de 1979.»

Está assim, neste momento, a questão do Palácio da Independência, nas mãos dos associados. Na sequência da Assembleia do dia 19 de Maio realizou-se a nova Assembleia no dia 9 de Junho em Lisboa, conforme convocatória publicada neste número.

É da maior importância que os sócios participem nesta Assembleia de molde a, em conjunto, se encontrarem as soluções mais adequadas e, muito especialmente porque nesta Assembleia poderá ser necessário tomar uma decisão final.

A comissão negociadora e a Direcção Central têm neste momento duas tarefas fundamentais a levar a cabo:

— Conseguir que seja dado cumprimento à deliberação da Assembleia Geral Nacional, nomeadamente com a obtenção de garantia de instalações com os requisitos inumerados.

— Conseguir que a cerimónia de entrega sim-

bólica do Palácio ao representante da Comunidade de Portugueses no Brasil, prevista para o dia 10 de Junho em Vila Real, se não realize ou, a realizar-se, decorra de forma que a posição da Associação seja publicamente salvaguardada e que não se deduza que a ADFA é simplesmente desalojada do Palácio da Independência como qualquer seita de malfeitores.

É neste sentido que, até à Assembleia Geral Nacional do dia 9 de Junho, os responsáveis da Associação estão a trabalhar, apresentando na Assembleia aos sócios os dados necessários para estes poderem deliberar sobre a posição da Associação.

## O significado do Palácio da Independência

É sobejamente conhecido o significado histórico do Palácio da Independência. Como monumento nacional, que é actualmente, é considerado uma das pérolas dos edifícios públicos de Lisboa, quer pela sua localização (sobranceiro ao Rossio — considerado ainda o coração da cidade), quer pelo significado histórico que o seu passado encerra.

Desde local onde funcionou a inquisição, até sede da ADFA, o Palácio da Independência teve utilização vária ao longo dos tempos, com realce para alguns momentos da história de Portugal. Assim, foi no Palácio da Independência que foi preparado o derrube dos Filipes de Espanha, em 1640, em que foi restaurada a independência de Portugal. Em 1910 o Palácio da Independência funcionou como último reduto das Forças Monárquicas (onde estava instalado o Estado Maior das Forças Armadas Monárquicas),

sendo aqui que efectivamente caiu a Monarquia e foi instaurada a República. Em 1939 a Colónia Portuguesa no Brasil comprou o Palácio da Independência aos descendentes dos condes de Almada para doar ao Estado Português a fim de aqui ser instalada a Mocidade Portuguesa. Em 25 de Abril de 1974 terminou mais uma fase da história do Palácio, com o derube do fascismo e da sinistra organização que nele funcionava. A população de Lisboa invadiu as instalações e declarou o Palácio como pertença do povo, tendo-o, de seguida, num acto simbólico, oferecido às Forças Armadas que acabavam de libertar o País. Daí para cá tem funcionado como sede da ADFA.

Durante estes cinco anos que tem servido como sede da ADFA teve o Palácio da Independência uma utilização condigna? Nós pensamos que sim. Pensamos que essa utilização foi um sucedâneo correcto da utilização vergonhosa que teve durante o regime fascista e que foi coerente com o gesto popular de 25 de Abril ao ser oferecido às Forças Armadas.

Mas há quem pense que, com os Deficientes das Forças Armadas, o Palácio teve uma utilização não digna. Alguns jornais exprimiram-no já. Sobre o que um deles disse está a correr um processo em tribunal. Sobre o que outros vão dizendo poderá haver a resposta oportuna da ADFA.

E quem vai suceder à ADFA no Palácio da Independência? Não sabemos claramente. No entanto pensamos que temos o direito de saber. De qualquer maneira fica aqui o seguinte para reflexão: a Colónia de Portugueses no Brasil comprou o Palácio para doar ao Estado Português a fim de aí ser instalada a Mocidade Portuguesa; agora a mesma comunidade pretende novamente o Palácio, para instalar o quê?

**OFICINA DE TIPOGRAFIA**  
**DA**  
**ADFA**

**EXECUTA**

**TODOS OS TRABALHOS**  
**DE TIPOGRAFIA**  
**E ENCADERNAÇÃO**

Rua Artilharia Um — Tel. 653593 — LISBOA



# PARTICIPAÇÃO DA ADFA NAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

Neste 5.º aniversário da revolução de Abril a ADFA participou mais uma vez, mostrando inequivocamente o total apoio ao 25 de Abril que, pondo termo à injusta guerra colonial, permitiu que os deficientes das Forças Armadas se organizassem em fortes e reivindicativos dos seus direitos que o regime fascista sempre lhes tinha negado, exceptuando-se uma ou outra «benesse» concedida a alguns privilegiados e que serviam de capa para tentar iludir o povo português da verdadeira situação a que eram votados os militares que durante a longa guerra colonial ficavam deficientes e que diariamente chegavam ao Hospital Militar Principal.

Pôr termo à odiosa guerra colonial, possibilitar a organização dos deficientes e outras forças marginalizadas e restituir ao povo as liberdades que durante meio século lhe tinham sido negadas, são conquistas a que a ADFA não é alheia e, antes pelo contrário, defenderá sempre que for necessário ou a situação o exija.

Como já é do conhecimento dos associados e a exemplo do ano transacto, a participação da ADFA nas comemorações deste 5.º aniversário teve o apoio activo da Comissão Nacional e mais propriamente na pessoa do seu presidente Major Vasco Lourenço, tendo havido vários contactos entre a Direcção Central da ADFA e o Presidente das comemorações no sentido de se coordenarem as acções que a ADFA por sua iniciativa entendeu levar a cabo.

Com base na nossa palavra de ordem — a força justa das vítimas de uma guerra injusta — a Associação projectou no largo do Rossio, em «écran» gigante colocado na fronteira

principal do teatro D. Maria, uma diaporama com alto valor técnico em que mais uma vez os deficientes das Forças Armadas reafirmam a sua contestação à guerra colonial e ao regime que a apoiou para que o povo não esqueça as vítimas dessa guerra, inútil e evitável que apenas serviu para consumir vidas e bens em pro de interesses que nada diziam respeito aos militares que nela combateram e ao país em geral.

Repudiando a guerra, o diaporama alertava para a existência de milhares de deficientes que exigem, à luz da Constituição da República Portuguesa, a reposição dos seus direitos resumidos na reabilitação e reintegração sócio-profissional. Este diaporama foi projectado na noite de 24 para 25 de Abril durante cerca de quatro horas e foi visto por milhares de pessoas, tendo em conta também as comemorações Camarárias que nessa mesma noite tiveram lugar na Praça do Comércio.

No salão nobre da nossa sede foi também aberta ao público, na noite de 24 de Abril, uma exposição fotográfica que também não esqueceu a tónica da contestação à guerra colonial e ao regime que lhe serviu de suporte. Apresentou a ADFA, como organização saída do 25 de Abril, as suas reivindicações e as lutas já desenvolvidas.

Pena foi que ainda desta vez não nos tenha sido possível apresentar aos sócios e público em geral a exposição que pretendemos baseada na reabilitação e reintegração dos deficientes, o que conseguiremos muito em breve, pelo material que estamos a recolher.

Sendo em muito as comemorações do 25 de Abril uma festa popular e de convívio, a nossa Associa-

ção manteve durante praticamente toda a noite de 24 para 25 de Abril as instalações do nosso bar abertas, onde a pretexto de uma sardinha assada, uma bebida se proporcionou o convívio entre os deficientes e a população que nos quis visitar e que se cifrou em largas centenas.

Todos sabemos o grande desconhecimento que a população tem dos deficientes e seus problemas, revestindo-se estas realizações de extrema importância, pois só conhecendo de perto a problemática dos deficientes poderemos contar com o apoio esclarecido de todos aqueles que no fundo já nos apoiam, mas que por falta de esclarecimento nem sempre esse apoio tem a contropartida que desejamos.

Aproveitou-se também a presença da população junto de nós para se vender considerável material de dinamização da Associação.

Não esquecendo o Ano Internacional da Criança, na tarde do dia 25 de Abril foi promovida uma tarde infantil para os filhos dos associados com pinturas e filmes infantis.

No espírito de cooperação com outras associações de deficientes a Direcção Central entrou em contacto com a APD no sentido de comemorarmos o 25 de Abril conjuntamente, chegando-se à conclusão de que o desporto poderia em boa medida representar o espírito de cooperação existentes, ao mesmo tempo que marcaríamos conjuntamente a nossa posição pública sobre o que o 25 de Abril representa para os deficientes portugueses.

Assim, na manhã do dia 25 de Abril e parte da tarde do mesmo dia foram levadas a cabo no Estádio Universitário competições desportivas para deficientes que englobaram as seguintes modalidades: ténis de

mesa, atletismo, basquetebol em cadeiras de rodas, demonstrações de tiro ao arco, xadrez.

Foi servido, a expensas da ADFA e da APD, um almoço volante.

Estiveram presentes nestas competições desportivas várias dezenas de deficientes e familiares, sendo a experiência recolhida muito positiva e encorajadora de outras iniciativas conjuntas, não só com a APD mas também com outras associações de deficientes, contribuindo-se assim para engrossar e reunir vontades à volta de um amplo movimento de deficientes em Portugal que tenha forças para equacionar toda a problemática dos deficientes e consiga forçar as estruturas do país a consciencializarem-se de que os deficientes existem e que têm direitos a reivindicar para serem considerados cidadãos de corpo inteiro.

JORNAL «ELO»

CAMPANHA  
DE DIVULGAÇÃO  
E ASSINATURAS

— COLABORA

## A UNIÃO FAZ A FORÇA

Diz-se que «a união faz a força». É um ditado bem antigo e que na prática tem mostrado a sua veracidade.

As pessoas pouco habituadas ao colectivo ficam simultaneamente maravilhadas e surpreendidas quando a «união» faz alcançar as metas, as vitórias, em que o colectivo estava apostado.

É perfeitamente dispensável dizermos que durante décadas — poderíamos até dizer séculos — as pessoas se encontravam divorciadas de realidades que, embora existindo — por isso mesmo realidade — eram relegadas para o campo da indiferença, da ignorância. Neste espaço encontram-se os milhares de deficientes, os reformados e outros grandes grupos de marginalizados.

A realidade que é hoje a Associação dos Deficientes das Forças Armadas provém da união que existe entre os seus membros. Hoje a ADFA é, indiscutivelmente, um exemplo. Esta é uma afirmação que poderá ser considerada nihilista, narcisista ou até qualquer outro qualificativo, mas é uma união.

Justifiquemos pois a afirmação que acima dizemos. Hoje milhares de pessoas interessam-se pela problemática dos deficientes em Portugal. Inegavelmente que a ADFA teve um importante papel nesse sentimento inculcado a quem — por motivos vários — não se interessava por tal. Um jornal que fala, prioritariamente, de deficientes é mensalmente posto a circular. Esse, este, jornal, é o primeiro que neste Portugal falou, fala de deficientes e deficiências. Poderíamos enumerar tantos, tantos trabalhos desenvolvidos pela ADFA...

Desde Maio de 1974 que a ADFA existe e existirá para além da resolução dos problemas dos seus associados. Há quem pense que na ADFA existem pontos vulneráveis... pobres crédulos.

A união que efectivamente nos une persiste. A sombra, negra que quer pairar, que quer envolver-nos d' dissipar-se-á perante uma coesão formada de sofrimentos comuns alicerçada em objectivos comuns — a reintegração plena de TODOS os deficientes na Sociedade.

Não pensem os novos profetas ouvirem o eco dos seus distafes. Não pense o satânico gládio rasgar moléculas, porque ainda que algumas sejam separadas, o vínculo é indivisível.

Quando os nossos leitores tomarem conhecimento desta prosa já o nosso 5.º aniversário terá passado. Mas podem ver que festejaremos mais aniversários da ADFA o 6.º, o 7.º, o 8.º...

## A ADFA participou mais uma vez no 1.º de Maio

Nasce-se ou fica-se deficiente. Seja qual for a razão, aparece-se nessa situação sem saber bem porquê. Como e donde vem a culpa, a razão, a causa que coloca o ser humano na situação de desvantagem, só porque é deficiente.

As causas que originaram a deficiência são sempre diferentes. Não há dois casos que se igualem no que respeita a origem. Esta é sempre obscura e difusa, momentaneamente para aqueles que, por razões óbvias, falhem o poder de análise.

Há pois quem não queira perceber ou queira esconder as razões pelas quais em Portugal outros há que graças à acção dos primeiros e devido à própria estrutura social não vêem que os deficientes existem, são uma realidade no nosso como em tantos países. Esta é uma realidade irrefutável e por vezes cruel para todos

quantos remetem estes

problemas para as gavetas das secretárias ou para os arquivos estáticos.

Continua a ser difícil no nosso País fazer reabilitação médica, vocacional ou profissional. Algumas fases se encetam e outras até se completam. O deficiente só se sentirá homem quando estas fases tiverem uma concretização prática e sintam que Portugal deixou o fado do coitado e passou a cantar o fado da igualdade de todos.

No 1.º de Maio deste ano os trabalhadores gritaram bem alto que constituem a força da Nação. Gritaram bem alto que queriam a justiça social. Evidenciaram, para quem quiz ouvir e ver a sua força e determinação para criar um Portugal melhor pelo menos para os nossos filhos.

A luta dos deficientes tem e terá sempre os imperativos de razão que a inserem na ampla luta daqueles que produzem a riqueza dos obreiros de

Portugal. A ADFA esteve lá e gritou bem alto que deseja para os deficientes o direito ao trabalho, disse não o aumento do custo de vida e tantas outras verdades que todos nós sentimos.

Pensamos que a construção da sociedade justa não deve pertencer aos outros, compete-nos a nós próprios, compete-nos a nós marcar uma posição firme e determinada sem ambiguidades e com o querer que nos caracteriza. Teremos amanhã certamente aquilo que os nossos avós, os nossos pais não nos puderam ou souberam deixar.

A luta pelo direito ao trabalho é um esforço digno de todos quantos pretendem dignificar a condição de pessoa humana. Temos o direito e o dever de querer trabalho. Temos o direito de querer contribuir para o bem comum. Temos o direito de jamais sermos considerados fardos da Nação.

## ASSEMBLEIA GERAL NACIONAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

De acordo com a deliberação tomada em A. G. N. realizada em 19/5/79, convocam-se todos os sócios para uma Assembleia Geral Nacional Extraordinária a realizar em 9 de Junho de 1979, pelas 15 h. no Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, em Lisboa, com a seguinte:

### ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — INFORMAÇÕES
- 2 — RATIFICAÇÃO DA NOVA COMPOSIÇÃO DA M.A.G.N.
- 3 — PALÁCIO — SEDE

- a) Ratificação da Composição da Comissão Negociadora do Palácio; (C.N.P.)
- b) Relatório do trabalho da Comissão Negociadora do Palácio;
- c) Posição definitiva a tomar face a entrega das chaves.

O Presidente da MAGN  
Alfredo Pereira Mau